

REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

ESTUDOS DA TRADUÇÃO

ARTIGO

RAÍZES, IDENTIDADES E PERTENCIMENTO: UM OLHAR SOBRE A TRADUÇÃO DOS MARCADORES CULTURAIS DA RELAÇÃO POVO-TERRA EM *TORTO ARADO* PARA A LÍNGUA ESPANHOLA*ROOTS, IDENTITIES, AND BELONGING: A LOOK AT THE TRANSLATION OF CULTURAL MARKERS OF THE PEOPLE-LAND RELATIONSHIP IN TORTO ARADO INTO SPANISH*

ELILANDIA DE JESUS OLIVEIRA

Graduanda em Letras: Português e Espanhol pela Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: elilandiauefs@hotmail

ALINE DE FREITAS SANTOS

Doutoranda em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS). Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: afsantos@uefs.br

RESUMO

O presente artigo trata-se da análise da tradução dos Marcadores Culturais (MC's) no romance *Torto Arado* (2018), de Itamar Vieira Junior, com foco nos termos 'jatobá', 'chupim' e 'marimbus'. Os objetivos são investigar como os elementos culturais e os sentidos desses marcadores são preservados, adaptados ou transformados no processo de tradução para a língua espanhola. Os desafios da tradução cultural são vastos e multifacetados. Costa (2005) enfatiza que a tradução é um processo de retextualização, enquanto Arrojo (2007) destaca que a fidelidade na tradução é um conceito subjetivo, baseado na interpretação pessoal do tradutor. Diante destes pressupostos, analisamos as escolhas e estratégias utilizadas por Felipe Cammaert na tradução de *Torto Arado*, partindo da identificação das tendências de estrangeirização e domesticação apresentadas por Lawrence Venuti (1985; 2019). A pesquisa busca contribuir para a compreensão da complexidade na tradução de expressões associadas a relação povo-terra na obra.

Palavras-chave: Torto Arado; Marcadores Culturais; Tradução.

ABSTRACT

This article is about the analysis of the translation of the Cultural Markers (MC's) in the novel *Torto Arado* (2018), by Itamar Vieira Junior, focusing on the terms 'jatobá', 'chupim' and 'marimbus'. The objectives are to investigate how the cultural elements and meanings of these markers are preserved, adapted or transformed in the process of translation into the Spanish language. The challenges of cultural translation are vast and multifaceted. Costa (2005) emphasizes that translation is a process of retexturing, while Arrojo (2007) highlights that fidelity in translation is a subjective concept based on the personal interpretation of the translator. Given these assumptions, we analyze the choices and strategies used by Felipe Cammaert in the translation of *Torto Arado*, starting from the identification of the trends of internationalization and domestication presented by Lawrence Venuti (1985; 2019). The research seeks to contribute to the understanding of complexity in the translation of expressions associated with people-land relationship in the work.

Keywords: Torto Arado; Cultural Markers; Translation.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os resultados parciais de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em andamento, cujo corpus paralelo é composto pela 1ª edição da obra *Torto Arado*, de Itamar Vieira Jr. (2018), e sua tradução para o espanhol, intitulada *Tortuoso Arado*, realizada por Felipe Cammaert (2021). O objetivo é analisar a tradução para o espanhol dos marcadores culturais (MCs) do domínio ecológico presentes em *Torto Arado*, com foco nas soluções tradutórias para lexias cujos significados, no texto-fonte (doravante TF), estão intimamente relacionados à conexão entre o povo e a terra.

O romance de Itamar Vieira Jr. destaca a profunda relação entre o povo da Chapada Diamantina e a terra, retratando a biodiversidade local como expressão do vínculo intrínseco entre cultura e natureza. Por essa razão, justificamos a escolha deste recorte. Os MCs selecionados pertencem aos campos da fauna e da flora, a saber: *jatobá*, *chupim* e *marimbus*. Esses elementos, enquanto marcadores culturais, reforçam a identidade regional e representam desafios significativos na tradução para o espanhol, especialmente por exigirem estratégias que preservem suas nuances culturais e ecológicas no texto traduzido.

Nas palavras de Felipe Cammaert, tradutor de *Tortuoso Arado* (2021), a obra de Itamar Vieira Junior é um testemunho da “derrota de los sueños”, enfatizando a luta política pela terra e a força do trabalho. A literatura, com sua capacidade singular de capturar as raízes mais profundas de uma cultura, frequentemente narra aquilo que transcende o espaço físico, explorando as complexidades da relação entre o povo e sua terra. Nesse contexto, *Torto Arado* (2018) emerge como um testemunho literário marcante, ao retratar, como destacou Cammaert, essa “derrota de los sueños”.

Em *Torto Arado*, o autor descreve a Chapada Diamantina, região do interior da Bahia, rica em biodiversidade. A narrativa apresenta a profunda conexão entre os habitantes e o ambiente, revelando como a terra é essencial para suas vidas. Politicamente, Itamar Vieira Junior expõe, por meio das vivências do povo, que a relação de propriedade da terra não se restringe a documentos legais. O pertencimento e a significância da terra são construídos pelas vidas, pelo trabalho e pelos cuidados que a nutrem e a mantêm.

No âmbito da tradução, analisamos como foram traduzidas as lexias relacionadas à fauna e à flora presentes na obra. De acordo com Aubert (2006), os marcadores culturais (MCs) correspondem a lexias culturalmente marcadas, identificadas no cotejo entre línguas e culturas distintas. Nesta pesquisa, os MCs selecionados refletem a relação singular do povo com a terra da Chapada Diamantina.

A lexia *jatobá* aparece ao longo da narrativa durante as jornadas pela fazenda, referindo-se a uma árvore típica do Brasil cuja significação cultural está vinculada à ancestralidade. A descrição detalhada de Itamar permite ao leitor criar memórias literárias, enriquecendo sua imaginação e

intensificando a imersão na história. De forma semelhante, as lexias *chupim* e *marimbus* evocam a conexão do povo com o ecossistema local e com as tradições de trabalho na lavoura, ampliando a compreensão dos aspectos culturais e ecológicos que permeiam a obra.

Torto Arado (2018) apresenta ao leitor um cenário brasileiro pouco explorado na literatura contemporânea: a fictícia fazenda Água Negra, lar das protagonistas Bibiana e Belonísia. Geograficamente, a narrativa situa a fazenda próxima à cidade de Lençóis (BA), onde ocorre o encontro dos rios Santo Antônio e Utinga. Essa região, historicamente marcada pela extração mineral, tornou-se posteriormente conhecida por seu turismo, impulsionado pela rica diversidade natural (Giidice, 2011).

No contexto da obra, a fazenda Água Negra pertence à família Peixoto e é administrada por Sutério, responsável por gerenciar os moradores e os trabalhos na terra. Os residentes devem dividir parte de suas colheitas com o gerente, além de realizar trabalhos agrícolas. Como contrapartida, recebem permissão para construir casas de barro e plantar alimentos para consumo próprio, embora sejam proibidos de comercializá-los. Sutério fiscaliza as colheitas e confisca mais da metade do que é produzido, impedindo qualquer possibilidade de comércio. Essa dinâmica reflete uma relação tipicamente neocolonialista.

Em meio a uma realidade tão marcante, nos deparamos com histórias de pessoas que chegam e saem do convívio da família de Salustiana e Zeca Chapéu Grande muito rapidamente, outros se alojaram na própria casa da família em busca de cura:

Eram pessoas com encosto ruim, conhecidos e também desconhecidos de todos. Eram famílias que depositavam suas esperanças nos poderes de Zeca Chapéu Grande, curador de jarê, que vivia para restituir a saúde do corpo e do espírito aos que necessitavam. (Vieira Jr., 2018, pag. 27)

A prática do Jarê é a “linha que costura” toda a história: as pessoas que chegam e vão do nascer ao pôr do sol; o trabalho na terra ao longo do ensolarado dia; e a prática do jarê durante a noite era o que conduziam as pessoas “àquelas bandas”. Nesse contexto, as terras e as pessoas se entrelaçam, formando uma teia complexa de existência compartilhada, onde cada elemento é vital para a sobrevivência do outro. É como se a própria terra fosse um organismo vivo, alimentado pelo suor e pelo sangue daqueles que a cultivam.

Belonísia, uma das personagens principais, nos oferece um vislumbre profundo da relação íntima e interdependente entre o povo e a terra que habitam em Água Negra. Ao observar os movimentos da natureza, desde os animais e as árvores e plantas que a cercavam, ela revela uma conexão visceral com o ambiente ao seu redor. Essa relação vai além de uma simples coexistência; é um diálogo constante entre o homem e a terra, onde a observação atenta e o conhecimento

tradicional são fundamentais para a sobrevivência e o bem-estar da comunidade.

Semanas depois chegaram as primeiras nuvens de chuva, e da terra subia um frescor que os trabalhadores chamavam de ventura. Diziam que poderíamos cavar um pouquinho o barro seco para sentir que a umidade iria chegar, para sentir a terra mais fria. Era o sinal de que o tempo de estiagem estava findando. Não tardou muito para as primeiras gotas de chuva caírem do céu, e mesmo com todo desalento em que nossa casa havia afundado com a partida de Bibiana, minha mãe sorriu e colocou os tonéis para encherem de água. Vi as mulheres da fazenda entoarem suas cantigas com mais força pelos caminhos, enquanto levavam suas roupas para lavar no rio que crescia em volume, ou carregando suas enxadas para capinar e fazer a coivara no terreno onde fariam seus plantios. Os homens só puderam se juntar às mulheres depois de limpar o terreno onde plantariam as roças dos donos da fazenda. (Vieira Jr., 2018, pag. 80 e 81)

Essa estreita relação das pessoas de Água Negra com a terra que habitam é a característica mais marcante na obra, através desse aspecto podemos nos debruçar neste estudo, a fim de compreender os desafios postos por estas significações na tradução para a língua espanhola.

Itamar Vieira Junior é um escritor cuja formação acadêmica em geografia, combinada à sua experiência de campo, confere à sua obra uma profundidade única no que diz respeito à representação da terra e da natureza. Graduado em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), sua pesquisa acadêmica focou tanto no espaço urbano quanto em questões agrárias e identitárias do Nordeste brasileiro, temas que ressoam fortemente em sua ficção.

O autor dedicou-se ao estudo das comunidades quilombolas, com especial ênfase na comunidade de Luna, localizada na Chapada Diamantina, na Bahia, durante seu doutorado em Estudos Étnicos e Africanos pela UFBA. A convivência prolongada com essa comunidade, a participação em seus rituais e a realização de entrevistas com os trabalhadores rurais não apenas enriqueceram sua compreensão sobre o modo de vida desses povos, mas também o inspiraram a criar paisagens literárias profundamente conectadas com a natureza.

É a partir dessa imersão que Itamar desenvolve uma sensibilidade única para retratar a fauna e a flora da região, elementos que aparecem com destaque em *Torto Arado*. O conhecimento que construiu ao longo de sua trajetória como geógrafo e servidor público do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), onde atuou no Serviço de Regularização de Territórios Quilombolas, transparece no cuidado com o qual ele detalha os ecossistemas da Chapada Diamantina, incluindo espécies de pássaros, plantas e outros seres que fazem parte do cotidiano e da cosmovisão dos personagens do romance.

Assim, a relação profunda povo-terra não apenas representa a sua ligação emocional e espiritual com o ambiente, mas também é um testemunho da sua capacidade de adaptação e sobrevivência ao longo das gerações, alimentada pelo respeito mútuo e pela compreensão dos ciclos naturais.

Desse modo, a correspondência dos MC's selecionados à relação povo-terra coincide com a categorização elegida para o recorte da pesquisa a partir da perspectiva do domínio cultural ecológico que, de acordo com Aubert (2003) refere-se a:

Domínio Ecológico: termos que designam seres, objetos e eventos da natureza, em estado natural ou aproveitados pelo homem, desde que o conteúdo intrínseco do vocábulo não implique em que seja ser, objeto ou evento que tenha sofrido alteração pela ação voluntária do homem [...] (Aubert, 2003, p. 160, grifo nosso)

Nesse sentido, compreendendo a importância dos marcadores culturais do domínio ecológico na constituição de *Torto Arado* (2018), buscamos, portanto, identificar como os elementos culturais e os sentidos destes MC's são preservados, adaptados ou transformados no processo de tradução para a língua espanhola dessa obra tão emblemática e representativa da cultura e povos da Chapada Diamantina-BA.

2 MARCADORES CULTURAIS, TRADUÇÃO LITERÁRIA, IDENTIDADES E PERTENCIMENTO

A literatura de Itamar Vieira Junior em *Torto Arado* revela a identidade cultural dos personagens e suas comunidades, expressando os traços históricos e sociais específicos da região da Chapada Diamantina, na Bahia. A compreensão de *Torto Arado* requer, portanto, um reconhecimento profundo da interação entre língua e cultura, onde a língua funciona como um veículo de expressão literária que carrega as representações culturais dos habitantes dessa região.

Ao observar os aspectos que unem o povo de Água Negra e a terra dos Peixotos, percebemos a intimidade literária que o autor de *Torto Arado* nos presenteará. A narrativa de Itamar Vieira Junior transmite informações para todos os órgãos dos sentidos, desde o fato inicial que guia a trama, o corte da língua de uma das irmãs, até "o caminhar descalço de Donana" revelam novos significados para a leitura da obra. Trajando-a de inúmeras possibilidades de tradução, tornando seu entendimento possível por diversas perspectivas do existir.

A tradução é uma ferramenta crucial no mundo globalizado de hoje, permitindo a comunicação eficaz entre diferentes culturas e línguas. Estudar os processos da tradução é fundamental para entender como as nuances linguísticas e culturais podem ser transmitidas de uma língua para outra. Isso envolve não apenas dominar as habilidades linguísticas, mas também compreender os contextos sociais, históricos e culturais por trás das palavras.

Considerando esses olhares para a tradução, devemos levar em conta, assim como Aubert (2006), que mesmo aspectos gramaticais, como a marcação de gênero, número, grau, e definido/indefinido, a expressão de tempo e aspecto, as formas de tratamento, e as preposições que indicam espacialidade, contêm marcas culturais significativas. Esses elementos interlinguais revelam diferenças culturais profundas que devem ser consideradas no processo de tradução para preservar a autenticidade e a intenção do texto original. Conforme aponta:

Mesmo aspectos aparentemente restritos à dimensão gramatical não deixam de conter essas marcas, como testemunham, entre tantos outros aspectos, as diferenças interlinguais na marcação de gênero, número, grau e definido / indefinido, a expressão de tempo e aspecto (vinculada mais ou menos estreitamente à conjugação verbal), as formas de tratamento, as preposições marcadoras da espacialidade (estática ou dinâmica), etc., etc. No plano discursivo, podem ser observadas marcas desta natureza particularizadora nas intertextualidades que fazem sentido em determinado complexo língua/cultura, mas fazem outro sentido (ou sentido algum) em outros complexos língua/cultura. (Aubert, 2006, p. 24)

No contexto específico da tradução do livro *Torto Arado* para o espanhol, os impactos de estudar esse processo são cruciais. *Torto Arado* escrito por Itamar Vieira Junior, é uma obra profundamente enraizada na cultura e na história do Brasil, abordando questões como a desigualdade social, a luta pela terra e a herança da escravidão. Ao traduzir essa obra para o espanhol, é essencial capturar não apenas as palavras, mas também o tom, o estilo e o contexto cultural que tornam o livro tão impactante. Estudar os impactos dessa tradução permitiria uma compreensão mais profunda de como as questões abordadas no livro ressoam em diferentes culturas e contextos linguísticos, enriquecendo assim o diálogo intercultural e ampliando o alcance e a influência da obra.

No campo da tradução, os marcadores culturais desempenham um papel fundamental ao tratar as especificidades culturais de uma língua. Eles podem abranger desde aspectos gramaticais, como a marcação de gênero e número, até elementos mais diretamente ligados à dimensão referencial das línguas, como referências ecológicas, culturais e ideológicas, como afirma Aubert (2006). A tradução desses marcadores requer um entendimento profundo não apenas da língua de origem, mas também do contexto cultural e histórico no qual a obra foi criada, para que se mantenha a autenticidade e a riqueza do texto original.

Os desafios da tradução cultural são vastos e multifacetados. Costa (2005) enfatiza que a tradução é como um processo de retextualização, no qual o tradutor não apenas traduz palavras, mas reconstrói o texto dentro de um novo contexto cultural. Ele destaca que todos os textos estão relacionados, de alguma forma, a outros textos, mas o

texto traduzido guarda uma relação especial com um texto específico em uma língua específica. Para ser considerado uma tradução, o novo texto apresenta uma tentativa de se assemelhar com o texto de partida, geralmente chamada de “equivalência”.

Conforme aponta Arrojo (2007), a busca da fidelidade na tradução é, na verdade, um conceito subjetivo, baseado na interpretação pessoal do tradutor. Essa perspectiva é crucial para reconhecer a tradução como um ato criativo e interpretativo, em que o tradutor não é apenas um intermediário passivo, mas um participante ativo que traz suas próprias percepções, experiências e conhecimentos ao processo. Arrojo (2007) nos convida a ver a tradução como uma recriação que vai além da simples substituição de palavras, envolvendo uma profunda interação com os significados culturais e emocionais do texto “original”. Essa visão valoriza a subjetividade do tradutor e a complexidade da tarefa tradutória, destacando a importância de considerar essas nuances na análise de traduções literárias.

Além disso, “*Torto Arado*” apresenta um número expressivo de MC's, especialmente do domínio ecológico, refletindo a conexão entre os personagens e seu ambiente natural. Esta riqueza de referências culturais e ecológicas torna a obra particularmente relevante para estudos de tradução, pois exemplifica os desafios e as estratégias nesta tarefa de tentar manter a autenticidade e o impacto cultural da narrativa em diferentes línguas.

Diante destes pressupostos, com o objetivo de analisar as escolhas e estratégias utilizadas por Felipe Cammaert na tradução de *Torto Arado* para o espanhol partimos da identificação das tendências estrangeirização e domesticação apresentadas por Lawrence Venuti (1985;2019). Tratam-se de dois caminhos tradutórios delineados inicialmente pelo filósofo alemão Schleiermacher (1813). Segundo ele, estes dois caminhos, cujo quais o tradutor pode seguir, se conformam a partir de um movimento dinâmico, no qual: “[...] ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro [...]” (Schleiermacher, 1813; Braida, 2001, p. 22).

Além disso, o autor também destaca que a tradução se faz sobre discursos que se limitam às articulações da língua de quem o realiza, deixando, portanto, marcas das influências que justificam suas escolhas tradutórias. Assim, a identificação destas tendências nos auxiliam na constituição das considerações que levantamos sobre a análise dos MC's traduzidos.

3 A RELAÇÃO POVO-TERRA NA TRADUÇÃO DE *TORTO ARADO* (JUNIOR, 2018): UMA ANÁLISE DOS MC'S DO DOMÍNIO ECOLÓGICO

Tortuoso Arado é a tradução escolhida nesta pesquisa por se tratar de uma versão sul americana e colombiana que também foi lançada também na Argentina. A obra de Itamar

Vieira Junior foi traduzida por Felipe Cammaert, pesquisador, tradutor e editor, que nasceu em Bogotá (Colômbia). Ao longo de sua carreira, ele lecionou em universidades da Europa e de seu país de origem, além disso traduziu diversas obras do francês e português para o espanhol, incluindo o romance *A Costa dos Murmúrios*, de Lídia Jorge.

Sublinha-se que, além da tradução de Felipe Cammaert, *Torto Arado* desde sua publicação em 2018 foi traduzido para outras línguas em um intervalo de poucos anos, diante sua força narrativa e o impacto que causou. A tradução para o espanhol, *Tortuoso Arado*, foi a primeira a tornar a obra acessível ao público hispânico. Em 2018, o livro recebeu o Prêmio LeYa, e, três anos depois, em 2021, surgiu a versão que compõe o *corpus* desta pesquisa. A produção foi produzida durante um período de expoentes reflexões e incertezas trazido pela pandemia de COVID-19. Foi um tempo em que muitos buscaram compreender mais sobre a condição humana, sobre nossas crenças, nossas formas de viver e nossa ancestralidade.

Felipe Cammaert, em entrevista ao CIELLE 2022, compartilha alguns aspectos de sua experiência de tradução. Ele destaca como o romance de Itamar Vieira Junior não só exigiu um olhar atento para as especificidades culturais e linguísticas, mas também ofereceu uma ponte para que leitores da América Latina pudessem se ver refletidos na história, reconhecendo na obra temas como a espiritualidade, a resistência e a relação visceral com a terra – traços que atravessam culturas e fronteiras.

A rica narrativa de *Torto Arado*, com sua detalhada descrição da fauna e flora do sertão nordestino, exigiu um

olhar atento durante o processo de tradução, de modo que a complexidade ecológica e cultural pudesse ser mantida. Pássaros, plantas e os contextos específicos de suas utilizações não apenas enriquecem o universo da obra, mas também carregam marcadores culturais profundamente enraizados na vivência local.

Assim, a tradução de elementos da fauna e flora em *Torto Arado* para o espanhol requer que esses marcadores sejam compreendidos como parte de uma narrativa enunciada, viva e enraizada nas práticas locais. Entre o conjunto de MC's do domínio ecológico correspondentes a relação povo-terra analisados selecionamos três, para apresentação neste trabalho, a saber: '*jatobá*', '*chupim*' e '*marimbus*'.

No que diz respeito ao MC '*jatobá*', seu significado refere-se a uma árvore nativa das Américas, que possui grande importância cultural, histórica e medicinal no Brasil. Seu nome, originado do tupi, significa "árvore com frutos duros" e está ligado à relação ancestral dos povos indígenas com a planta, utilizada em práticas de meditação e espiritualidade. Essa árvore não é apenas um recurso natural, mas também um símbolo sagrado, valorizado por seu papel na preservação da cultura e da biodiversidade nacional. O Instituto Sociedade, População e Natureza aponta que o jatobazeiro é considerado um "patrimônio sagrado brasileiro". Segundo o dicionário Aulete, o '*jatobá*' é uma "Árvore nativa do México ao Brasil, com pequenas flores brancas e frutos negros com polpa farinácea comestível, e cujo tronco fornece resina própria para fabricação de verniz". (AULETE, 2014)

Como podemos observar na abonação abaixo, em *Tortuoso Arado*, Felipe Cammaert traduz '*jatobá*' por '*algarrobo*'.

Quadro 1 - Marcador cultural '*jatobá*'

ABONAÇÕES	
TEXTO FONTE	TRADUÇÃO
"«Aqui é sua casa, sinhá moça.» Olhei ao redor e havia uma sombra extensa vinda da copa que transbordava de um jatobá a uns vinte metros da casa. Um verde vivo que chamava a atenção. Ele apeou, guiando o cavalo para um cocho com capim verde e fresco, deveria ter colhido ainda naquela manhã, antes de ir me buscar. Eu me sentia paralisada e já com vontade de voltar para casa de meus pais." (Vieira Junior, 2018, p. 94)	<Aquí es su casa, jovencita>. Miré a mi alrededor y vi una sombra extensa que se desprendía de la copa destacada de un algarrobo a unos veinte metros de la casa. Por todos lados el color verde vivo sobresalía. Él se bajó del caballo y lo condujo hasta una batea con pasto verde y fresco que debía haber cortado esa misma mañana antes de ir a recogerme. Yo me sentía paralizada; ya tenía ganas de volver a la casa de mis padres. (Vieira Junior, 2021, p. 134)

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Segundo o *Diccionario de la Real Academia Español - DRAE*, a referida lexia em espanhol significa:

Árbol siempre verde, de la familia de las papilionáceas, de ocho a diez metros de altura, con copa de ramas irregulares y tortuosas, hojas lustrosas y coriáceas, flores purpúreas, y cuyo fruto es la algarroba. Originario de Oriente, se cría en las regiones marítimas templadas y florece en otoño y en invierno. (Real Academia Española, 2024)

Considerando a significação cultural que '*Jatobá*' possui no texto fonte, identificamos que a estratégia tradutória utilizada na tradução foi a domesticação, posto que o tradutor apresenta um correspondente que possui a mesma referencialidade ecológica, mas com significações culturais específicas a língua de chegada. Sobre esta, Andina (2024) pontua que "*el algarrobo (Prosopis pallida) fue aprovechado desde tiempos ancestrales y contribuyó al desarrollo económico y productivo de las civilizaciones prehispánicas que se desarrollaron, sobre todo, en la costa norte peruana.*" (Andina, 2024).

Identificamos que esta espécie também faz parte da flora brasileiro e na língua portuguesa denomina-se '*Alfarrobas*'. Correspondida por Felipe Cammaert por sua semelhança física ao '*jatobá*', a '*alfarroba*' possui uma copa que garante sombra e ar fresco ao seu redor, características do MC que são enaltecidas na literatura de Junior (2018).

Notamos, portanto, que o '*Jatobá*' não é uma espécie muito difundida na Colômbia, e isso leva Cammaert a substituir por uma outra espécie, pertencente ao contexto do seu

leitor estrangeiro, a fim de tornar sua tradução mais efetiva no idioma espanhol. No entanto, vale ressaltar que diferente do '*jatobá*' que tem valor culinário na cultura brasileira, cuja importância é reiterada na obra, o fruto do '*algarrobo*' não se saboreia amadurecido e a planta não tem a mesma significação material daquela presente na cultura de partida.

Com relação aos MC '*chupim*' e '*marimbus*', observamos o trecho destacado do texto fonte e sua respectiva edição em língua espanhola:

Quadro 2 - Marcador cultural '*chupim*'

ABONAÇÕES	
TEXTO FONTE	TRADUÇÃO
"Chupim aos montes e todo dia, ao alvorecer. Nós seguíamos para espantá-los com nossas armas. Chupim engana, é matreiro e preguiçoso. Come o arroz que a gente planta – ouvíamos falar –, gosta de coisa pronta. Não batalha pelo seu grão. Chupim nos marimbus podia colocar ovos no ninho de xanã, no do sangue de boi de penugem vermelha cor de fogo, cantando «tiê, tiê» para os ovos dos filhotes que pensa serem seus. Chupim coloca ovos no ninho de carrega-madeira que esteve construindo sua casa para abrigar sua cria – e as crias do parasita sem saber." (Junior, 2018, p. 37)	Había tordos renegridos por montones, y todos los días, al amanecer. Nosotros íbamos a espantarlos con nuestras armas. El tordo engaña, es mañoso y perezoso. Se come el arroz que sembramos – oíamos decir –, le gusta el alimento a punto. No lucha por el grano. En la ciénaga, el tordo podía poner huevos en el nido del xanã, en el de la tangara de plumas rojas color fuego que les canta tie-tiew a los huevos pensando que son suyos. El tordo pone sus huevos en el nido del castillero llanero que construyó su casa para albergar a su cria y, sin saberlo, a las crías del parásito. (Junior, 2021, p. 55)

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Em análise notamos que na obra o MC '*chupim*' sua descrição física é apresentada com a mesma significação registrada na língua. De acordo com Silveira (2018) o *chupim* é um pequeno pássaro de plumagem azul intensa, quase negra, que em algumas regiões do país também é conhecido como azulão. Com seu bico longo, reto e afiado, ele cumpre na trama de *Torto Arado* uma função simbólica e natural, representando o parasitismo e a sobrevivência. Este pássaro, de comportamento astuto e oportunista, não batalha pelo seu próprio alimento, preferindo, como citado no romance, apropriar-se dos esforços alheios.

No contexto da obra, o '*chupim*' ilustra uma relação de dependência e exploração que ressoa com as próprias relações de trabalho no sertão.

Os ovos do *chupim* cresciam debaixo da beleza do canto do sofrê e até de zabelê no chão. Mas nunca vi ovo de *chupim* no ninho de paturi. Por que será? É o que guardo das conversas que tínhamos quando nos encontrávamos em nossa casa, quando muito, na casa da família de tio Servó, no sequeiro do rio Santo Antônio. (Junior., 2018, p. 38).

Além disso, como observamos em algumas passagens de *Torto Arado*, o MC '*chupim*' representa simbolicamente o contexto cultural de cultivo dos povos retratados. Apresentado como pássaros que destroem a lavoura de arroz, sua aparição neste cenário revela a iniciativa das famílias em, desde cedo, inserir as crianças na labor de auxiliar com o processo de espanto dos animais para garantir a boa colheita

e, consequentemente, o alimento da família. Esta tarefa é executada todos os dias, no iniciar a manhã, cuja atividade exige dos pequenos um compromisso de trabalho nesta rotina cultural e de sobrevivência

Como observado, o tradutor nos apresenta como correspondente para '*chupim*' a lexia '*tordo renegrido*'. Ao buscarmos por sua definição de registros em dicionários da língua, não identificamos registros. Esta constatação sugere que o termo pode não ser amplamente reconhecido ou uma estratégia de invenção lexical do tradutor para atender as necessidades de sua tradução. Na entrevista supracitada Cammaert (2022) declara que:

[...] o muitas vezes mencionado *chupim*, aquele pássaro preto que ameaça incessantemente os campos da família de Zeca, aparece na versão original como "tordo-preto" no texto em espanhol, apesar de existirem outros nomes para a região (gamusino, chamon). Para este caso em particular, preferi que minha tradução contivesse uma referência à cor do pássaro, para melhor identificá-lo no contexto da história. (Cammaert, 2022, p. 13)

Assim, a sinalização de Felipe Cammaert sobre sua escolha pela lexia '*tordo renegrido*' em vez de manter o termo original '*chupim*' revela um aspecto interessante do processo de tradução. Neste caso, identificamos uma tradução também realizada pela via da domesticação. Esta, conforme discutido por Venuti (2019), é uma estratégia que busca adaptar o texto traduzido ao contexto cultural do leitor, tornando-o mais

acessível e familiar. No entanto, essa escolha também suscita questões sobre a precisão e a riqueza do termo original. O *'chupim'*, que é amplamente reconhecido no Brasil, carrega conotações culturais e comportamentais específicas, como o fato de ser um pássaro que deposita seus ovos em ninhos de outras aves, uma prática que destaca sua relação com o ecossistema local.

Por outro lado, a tradução prática discutida por Arrojo (2007) permite que o tradutor use a cor do pássaro como recurso identificador, criando uma referencialidade visual que busca preservar a narrativa da obra, ainda que a significação cultural tenha sido comprometida. Ao substituir *'chupim'* por *'tordo renegrado'*, Cammaert não acessibiliza a carga semântica que o referido pássaro possui na cultura de partida, no que tange especialmente sua participação na lavoura familiar, e não atende a contento a significação do MC condicionada a relação povo-terra (natureza).

No que se refere ao MC *'marimbus'*, sinalizamos que em *Torto Arado* é carregado de significado local. Ao buscarmos pela palavra em dicionários da língua portuguesa, encontramos definições que destacam que “entre Lençóis e Andaraí fica o Marimbus, nome de origem africana que significa ‘terras alagadas’. É uma espécie de ‘brejo’ que se formou, provavelmente, pela ação dos drenos do garimpo, resultando numa grande planície alagada com lagoas interligadas e águas muito mansas” (Bergamo, 2001). Essa descrição não apenas contextualiza o espaço físico, mas também evoca a cultura e a memória coletiva dos habitantes da região, que veem o *'marimbus'* como um elemento fundamental de sua identidade e modo de vida.

Para o MC *'Marimbus'* na versão traduzida por Cammaert encontramos *'ciénega'* como correspondente. A lexia *'ciénega'*, significa “lugar o paraje lleno de cieno o pantanoso.” (DRAE, 2024).

Quadro 3 - Marcador cultural *'marimbus'*

ABONAÇÕES	
TEXTO FONTE	TRADUÇÃO
“Nos longos anos em que plantaram arroz no meio do sertão de água, na beira dos pântanos dos marimbus , acordávamos antes que o sol se levantasse no horizonte e seguíamos rumo à roça da fazenda. Nos muníamos de galhos, pedras, tudo que fosse instrumento para espantar os pássaros, miudinhos, de penas negras e que brilhavam quase azuis na luz da manhã.” (Junior, 2018, p. 35, 36)	En los muchos años en los que se había sembrado arroz en el sertón húmedo, al borde de los pantanos de las ciénagas , nos despertábamos antes de que el sol apareciera en el horizonte e íbamos hasta el sembrado de la hacienda. Nos armábamos de ramas, piedras y de todo lo que sirviera de instrumento para espantar a los pájaros, menuditos, de patas negras y cuyo color casi azul brillaba en la luz de la mañana. (Junior, 2021, p. 52)

Fonte: Elaborado pelas autoras.

No Brasil, reconhecemos esse mesmo tipo de terreno como pantano, conforme o Dicionário Michaelis (2023). A abordagem do tradutor ao utilizar *'ciénega'* revela a complexidade da tradução, uma vez que *'marimbus'* é um termo que só existe no idioma de partida e se refere a um pântano específico da região da Chapada Diamantina. Embora a tradução *'ciénega'* tenha a mesma significação geral de *'pântano'* na língua portuguesa, ela não capta a singularidade e a carga cultural associadas ao *'marimbus'*, que é uma parte intrínseca da identidade local e da experiência dos habitantes dessa região.

A complexidade da tradução do MC *'marimbus'* para a língua espanhola se torna evidente quando consideramos a rica conotação cultural e ecológica que esse termo carrega. A lexia *'ciénega'*, embora técnica, pode não transmitir toda a essência do ambiente descrito por Itamar Vieira Júnior. Assim, a domesticação na escolha de Cammaert em traduzir *'marimbus'* para *'ciénega'* revela um desafio intrínseco da tradução: a necessidade de equilibrar a precisão lexical com a intenção poética do autor.

Essa questão nos leva a concluir que a tradução de marcadores culturais exige não apenas um conhecimento profundo das línguas envolvidas, mas também uma

sensibilidade às nuances culturais que permeiam as relações entre o povo e a terra. Dessa forma, ao refletir sobre as escolhas do tradutor, podemos afirmar que, neste contexto, elas são cruciais para a preservação da autenticidade da obra e para a transmissão da riqueza da experiência vivida na Chapada Diamantina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo analisou as lexias *jatobá*, *chupim* e *marimbus*, considerando a relação entre o povo e a terra na obra *Torto Arado* (2018), de Itamar Vieira Junior, e sua tradução para o espanhol, realizada por Felipe Cammaert em 2021. Observou-se que o tradutor colombiano optou por adaptar os marcadores culturais para facilitar a compreensão no contexto da língua espanhola, utilizando predominantemente estratégias de domesticação. Embora essas escolhas promovam familiaridade para o leitor estrangeiro, em alguns casos, elas se afastaram das particularidades culturais e simbólicas do texto de origem.

A tradução de Cammaert, intitulada *Tortuoso Arado*, é uma das primeiras versões em espanhol de *Torto Arado* e reflete a complexa relação dos personagens com a natureza,

além de destacar elementos específicos da cultura da Chapada Diamantina. Entretanto, ao traduzir *jatobá* como *algarrobo* e *chupim* como *tordo renegrado*, o tradutor utilizou referências que, embora acessíveis ao público hispano-americano, carregam significações culturais distintas. O *algarrobo*, por exemplo, não possui o mesmo valor simbólico, ecológico e ancestral que o *jatobá* detém na cultura brasileira. Da mesma forma, o *tordo renegrado*, apesar de descrever adequadamente a aparência do pássaro, não captura as singularidades culturais e contextuais do *chupim* no universo narrativo de *Torto Arado*.

A adaptação dos *marimbus* também apresentou desafios significativos. Essa lexia representa um ecossistema específico das áreas alagadas da Chapada Diamantina, carregando consigo o imaginário coletivo, a ancestralidade do povo negro e sua conexão espiritual e material com a terra. A tradução desse termo exigiu não apenas uma transposição linguística, mas também uma mediação cultural que preservasse sua complexidade e simbolismo, o que, em parte, foi diluído no processo de domesticação.

As escolhas tradutórias de Cammaert demonstram uma preocupação em adaptar o texto para um contexto hispano-americano, tornando-o mais acessível. Contudo, essas estratégias também comprometeram, em certa medida, aspectos simbólicos fundamentais da narrativa, ligados à identidade cultural do interior da Bahia. Assim, a tradução de *Torto Arado* se torna um exemplo claro dos desafios enfrentados pelos tradutores ao equilibrar a autenticidade cultural com a necessidade de adaptabilidade para o público estrangeiro.

Em suma, o estudo da tradução de *Torto Arado* ressalta a importância de uma abordagem crítica e sensível na tradução de elementos culturais que são fundamentais para a identidade e vivência de povos específicos. A tradução não é apenas um ato de comunicação, mas também uma prática intercultural que implica a mediação, preservação e, muitas vezes, a reinterpretação do contexto cultural original.

Como sugestão para futuras pesquisas, propõe-se expandir a análise para outros marcadores culturais que explorem a relação povo-terra na narrativa, bem como investigar traduções da obra em diferentes idiomas. Tal abordagem poderia oferecer novas perspectivas sobre a preservação e a adaptação de identidades culturais na literatura traduzida, contribuindo para um debate mais amplo sobre as possibilidades e os limites da tradução enquanto prática intercultural.

REFERÊNCIAS

ANDINA. **Conheça o algarrobo**: prodigioso árvore oriundo do bosque seco costeiro peruano. Disponível em: <https://andina.pe/agencia/noticia-conoce-al-algarrobo-prodigioso-arbol-oriundo-del-bosque-seco-costero-peruano-833975.aspx>. Acesso em: 27 out. 2024.

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução**: a teoria na prática. In: Oficina de tradução: a teoria na prática. 2007. cap. 4.

AULETE, Caldas. **Jatobá**. Dicionário Caldas Aulete. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/jatob%C3%A1>. Acesso em: 28 out. 2024.

BERGAMO, Marlene. Chapada histórica: passeios em região alagada provavelmente devido aos drenos do garimpo são feitos em barcos: Marimbus é o “Pantanal da chapada”. **Folha de S.Paulo, Turismo**, São Paulo, 07 maio 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/turismo/fx0705200108.htm>. Acesso em: 30 out. 2024.

CAMMAERT, Felipe. Traducir la derrota de los sueños: Tortuoso arado, un deslumbrante viaje por los surcos abiertos de América Latina. **Revista Letras Raras**. Campina Grande, v. 11, n. 1, p. 173-187, mar. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8364542>.

CIÊNCIAVITAE. **Felipe Cammaert**. Disponível em: <https://www.cienciavitae.pt/portal/en/F91D-4BAF-02FF/>. Acesso em: 27 out. 2024.

DICIONÁRIO DE COLOMBIA. **Tordo renegrado**. Disponível em: <https://www.diccionariodecolombia.expert/diccionario-enciclopedico/?s=tordo+renegrado>. Acesso em: 29 out. 2024.

DEFINICIONES-DE.COM. Significado de «tordo (torda)». **Definiciones-de.com**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.definiciones-de.com/Definicion/de/tordo.php>. Acesso em: 30 out. 2024.

GIUDICE, Dante Severo. **Geodiversidade e lógicas territoriais na Chapada Diamantina** – Bahia. 2011. 302 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2011.

INSTITUTO SOCIEDADE, População e Natureza. **Cerratinga** – Produção Sustentável e Consumo Consciente. Jatobá. Disponível em: <https://www.cerratinga.org.br/especies/jatoba/>. Acesso em: 27 out. 2024.

INSTITUTO SOKA AMAZONIA. **Jatobá**: uma árvore de muitos benefícios. Disponível em: <https://institutosoka-amazonia.org.br/jatoba-uma-arvore-de-muitos-beneficios/>. Acesso em: 27 out. 2024.

ITAMAR Vieira Junior. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa641522/itamar-vieira-junior>. Acesso em: 22 out. 2024.

LELLC – Grupo de Pesquisa/UFCG/CNPq. **Mesa-redonda**: Sobre a tradução de obras brasileiras no exterior - CIELELE 2022.

YouTube, 25 ago. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qAy-4rEJtDs&t=568s>. Acesso em: 27 out. 2024.

PÂNTANO. In: MICHAELIS DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Melhoramentos, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=p%C3%A2ntano>. Acesso em: 30 out. 2024.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Tordos renêgridos**. Diccionario de la lengua española. Disponível em: <https://dle.rae.es/tordos%20renegridos?m=form>. Acesso em: 28 out. 2024.

ROSSETO, V.; SAMPAIO, T. M.; OLIVEIRA, R.; GRALA, K. **O algarrobo**. Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/programaarborizacao/algarrobo/>. Acesso em: 29 out. 2024.

SILVEIRA, F. F. **Fauna Digital do Rio Grande do Sul**, 2018. Bird and Mammal Evolution, Systematics and Ecology Lab - UFRGS. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/faunadigitalrs/chupim-molothrus-bonariensis/>. Acesso em: 29 out. 2024.

VENUTI, Lawrence. **Contra instrumentalismo**: Uma polêmica de tradução. U of Nebraska Press, 2019.